



## **Memória e pós-memória da Shoah: um olhar autobiográfico**

Memory and postmemory of the Shoah: an autobiographical approach

**Marta Francisca Topel\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

mftopel@usp.br

**Resumo:** Este artigo indaga nas múltiplas variáveis que entram em jogo na construção e análise de narrativas da segunda e terceira geração de sobreviventes do Holocausto. Nesse afã, a autora apresenta um texto autobiográfico, que incluiu documentos pessoais como cartas e fotos, para só depois discutir novos critérios e categorias entre os quais as discussões ao redor da possibilidade de existir uma pós-memória do Holocausto tem papel fundamental.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Holocausto. Pós-memória.

**Abstract:** This article inquires into the multiple variables that come into play in the construction and analysis of second and third generation narratives of Holocaust survivors. In this effort, the author presents an autobiographical text, which includes personal documents such as letters and pictures to discuss new criteria and categories among which controversies about the possibility of a post-memory among Holocaust second and third generations has a fundamental role.

**Keywords:** Autobiography. Holocaust. Postmemory.

### **1 Para que ninguém ouse pensar que não se amaram e foram amados: cartas e álbuns familiares das famílias Judski e Zakrzewski na Polônia (1935-1943)**

No final das contas, me disse meu primo italiano – na verdade, cochabambino, –, embora fale espanhol e português com um ligeiro sotaque portenho e tateie em polonês como sua prima, minha mãe e alguns filhos dos amigos dos meus avós –, no final das contas, ele me disse, trata-se de um Rimsa. Era verdade. A tela que antes de ontem, com a ajuda de um amigo, tirei da moldura porque os cupins começaram a destruí-la com persistência e rapidez, sem qualquer dor ou pudor, era o retrato que Juan Rimsa fez de minha mãe. De minha mãe sentada em posse de mulher para um quadro que poderia ser chamado “mulher sentada”, com seu vestido de quinze anos, prestes a cumprir quinze anos.

Desliguei depois de descrever a meu primo o estado deplorável da tela e ouvir que deveríamos procurar um restaurador sério, talvez na Itália, talvez em Buenos Aires ou quiçá no Brasil “no final das contas, trata-se de um Rimsa”.

---

\* Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo.



Assim que acabou nossa conversa, voltei a comprovar a deterioração avançada do óleo gigante (para mim sempre foi gigante) e me lembrei de que nunca, nunca ninguém na família tinha gostado do retrato que Rimsa fez da minha mãe. Nunca ninguém gostou do quadro, mas, mesmo assim, o carregamos todos: primeiro meus avós, depois minha mãe e agora eu. Daqui pra lá foi o retrato de minha mãe feito pelo talento de Rimsa como fomos nós daqui pra lá, talvez com menos talento e, como o próprio Rimsa, nós também passamos por muitos portos sem aportar em nenhum deles como quem por fim voltou a casa.

Mas da história do pintor lituano que, até a arremetida dos cupins, sempre pensei ser húngaro, húngaro e judeu, húngaro, judeu e pobre, só fiquei sabendo, há poucos minutos depois de entrar no Google e descobrir que nasceu na Lituânia em 1903, veio ao Brasil enganado por um canalha que o obrigou a trabalhar duro em afazeres que nada tinham a ver com arte e só depois de alguns anos, já como pintor, trabalhou entre o Brasil, a Argentina, a Bolívia e os Estados Unidos. Os dados da internet afirmam que Rimsa exerceu influência nas vanguardas boliviana e argentina e que participou da Primeira Bienal Brasileira em 1951. Em 2018, uma grande retrospectiva foi organizada em Sucre com setenta obras suas de coleções públicas e privadas.

Obviamente há muito mais para ler sobre Juan Rimsa, mas, para mim, é suficiente. Já sei o que devo saber se é que posso escrever “devo saber” em relação a esse episódio, embora não exista nenhum dever a ser cumprido, nenhuma lacuna a ser preenchida entre o pintor lituano e eu. Mas, se não há lacuna a ser preenchida, também é verdade que alguma coisa na descoberta de ontem me deixou espantada. Sinto, porque não tenho certeza, que o espanto foi ter constatado o destino similar de quem retratou minha mãe para honrar uma dívida que tinha com meu avô e o destino de meus avós. Um destino meramente geográfico, sequer nacional, talvez histórico, o destino da história do século XX nos anos que separaram as duas Grandes Guerras. Uma sorte de semelhança de destinos e barcos. De barcos sem rumo e de destinos sem sorte? Tanto faz. Tanto faz porque quando os destinos começam a parecer-se, sempre há algo interessante por resgatar.

O encontro com o historiador do Yad Vashem é em três semanas, três semanas e um dia. Como foi que deixei passar tanto tempo sem fazer absolutamente nada com as cartas e as fotos e as postais e os envelopes que chegaram com as cartas, as fotos e as postais? Primeiro, de Włocławek, depois do gueto de Włocławek e depois do gueto de Varsóvia? Marcamos um encontro com o representante de Yad Vashem há nove meses e aqui estou eu, em São Paulo, agoniada pelo calor pegajoso dessas últimas semanas, sentada em meu escritório com quatro grandes caixas com cartas sobre a mesa e outras caixas de tamanhos diferentes repartidas



pelo chão. Em frente de mim, as orientações do historiador sobre que cartas e que fotos devo escolher. Com as fotos acho que não terei grandes problemas, mas com as cartas... Às manchas do papel de via aérea, quebradiço, de quase um século (as cartas deixaram de chegar em 1943). É necessário acrescentar as grafias diversas dos diferentes membros da família que escreviam, quando o papel se tornou escasso no gueto, dos dois lados. Além de algumas cartas estarem em polonês e outras em alemão, e algumas estarem em polonês e alemão. Também fica difícil entender o conteúdo quando já me parece que estou me aproximando de alguma frase com sentido, porque muitas cartas estão esburacadas ou estão quebradas nas margens. Nas margens e no meio e na parte superior e na parte inferior. Cada carta com a sua forma. Com várias formas: a do estilo, a do papel e a forma errática que oito décadas fizeram com o papel via aérea nos diferentes países aos que as cartas foram levadas. Então.

As diretrizes do historiador de Yad Vashem (agora penso que talvez seja um museologista ou um simples funcionário que aprendeu muito bem uma tarefa tão estranha como a de organizar vidas que viraram cinzas em mãos de carrascos só por serem vidas) são as que se seguem.

## a) Separar as cartas por data

Nem todas têm data, aliás, são poucas as que têm data e às vezes nem consigo decifrar a data. Algumas, cortadas da vida, depois de serem olhadas com uma lupa especial que comprei para esse objetivo, mostram datas anteriores ao começo da Segunda Grande Guerra. Mas, na maioria, é impossível distinguir a data em que foram escritas.

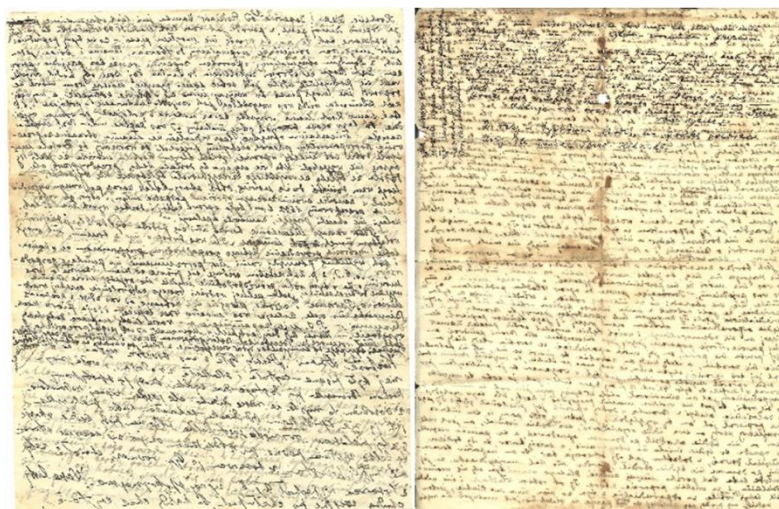




Figura 1 – Dois exemplos típicos de dezenas de cartas escritas da Polônia entre 1939 e 1943.<sup>1</sup>

## b) Separar as cartas por língua: ídiche, polonês, alemão, talvez hebraico ou alguma outra língua

Felizmente, embora seja absurdo usar a palavra “felizmente” para me referir a esta tarefa, a grande maioria das cartas está em polonês, só algumas estão em alemão, e embora com muito, mas muito esforço – esforço agora redobrado pelo deterioro das missivas – consiga ler um pouco em polonês, não sei alemão. Mas, além disso, há outro problema: acredito que várias das cartas foram escritas por meus bisavós e tios avôs do lado do meu avô em alemão e por meus bisavôs e tios avôs do lado da minha avó em polonês.

Caso não tenha me explicado bem: em muitas cartas aparecem as duas línguas, nem sempre seguindo uma ordem de uma língua na frente e a outra no verso. Mas já percebi que essas são as cartas mais curtas: as cartas escritas em ambos os lados em ambas as línguas estão datadas nos anos em que a minha família morou no gueto de Varsóvia. Não achei cartas em outras línguas e, apesar de que o ídiche aparece em primeiro lugar na longa lista de línguas por intermédio das quais eventualmente – e de fato – os judeus se comunicavam antes da Segunda Guerra, nas cartas da minha família não achei nenhuma carta em ídiche.

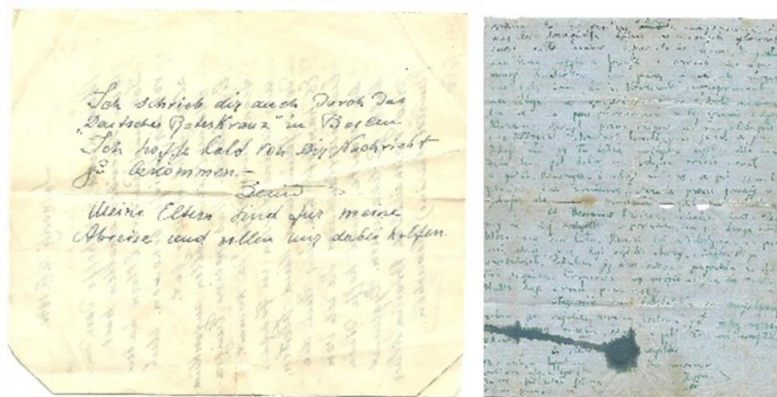


Figura 2 – Duas cartas: a primeira em alemão e a segunda em polonês.

---

<sup>1</sup> Apesar de as autoridades polonesas terem estipulado a data 9 de maio de 1946 como a data da morte de todos os prisioneiros de campos de extermínio localizados na Polônia, o gueto de Varsóvia foi definitivamente fechado depois do Levante em 1943 e seus últimos residentes destinados a Treblinka. Assim, as últimas cartas da minha família enviadas do gueto estão datadas de 1943.





**c) Tentar identificar quem escreveu a carta e acrescentar a maior quantidade de dados biográficos da pessoa, se possível, também uma foto**

Infelizmente – agora o uso do “felizmente” com o prefixo negativo reflete melhor a situação – em pouquíssimas cartas consigo decifrar quem a escreveu ou quem escreveu alguns trechos. Infelizmente, as cartas em que o nome do remetente aparece com clareza foram escritas anteriormente ao estalido da guerra. Quase todas elas são cartas em que minha avó escreveu a meu avô quando estavam namorando ou próximos de começar o seu namoro legendário. Ignoro por que cartas mais antigas são mais fáceis de decifrar, mas essa é a situação e não conheço um paleógrafo que me explique as razões de um fenômeno como esse. Pelo que constatei, são cartas escritas entre 1935 e 1938, e nenhuma delas faz qualquer menção aos tempos obscuros que se aproximavam. São só cartas de amor. Parece-me que colocá-las em um envelope com uma etiqueta “item 3” em destaque seguido de “são só cartas de amor”, em letras menores, facilitará a tarefa dos funcionários do museu Yad Vashem.



Figura 3 – Rachela Judski.  
(1915 – 9 de maio de 1946)

Como não escrever que, quando minha avó olhava as fotos de sua irmã caçula, Rachela, sempre virava o rosto para os céus lamentando-se e chorando? No começo de 1943, Rachela conseguiu um salvo-conduto para a parte ariana de Varsóvia, mas voltou ao gueto dois dias depois porque a culpa de abandonar os pais foi mais forte que o desejo de viver. Porque a culpa de abandonar os pais foi mais forte que o desejo de viver. A minha avó repetia essa frase como um mantra, o rosto molhado, e eu pensava como seria ter conhecido a tia Rachela enquanto tentava afastar o pensamento culposo, a pergunta na verdade, de seu eu teria feito a mesma escolha que ela.

**d) Rabiscar uma árvore genealógica, por mais simples que seja, para identificar as relações entre as pessoas que escreveram as cartas e as que constam nas fotos (vide modelo)**



Amanhã vou “rabiscar uma árvore genealógica simples” para identificar as relações entre as pessoas que escreveram as cartas. Mas, como resolver na árvore genealógica simples, por exemplo, o lugar da tia Helcia e do tio Benio que, me parece, não se comunicaram com meus avós quando meus avós estavam refugiados em Cochabamba? Ficarão, porque suas cartas se perderam ou por que eu não consigo avistar sua assinatura em nenhuma delas, fora da história familiar e da tragédia que os atingiu só por serem Helcia Judski e Benio Zakrzewski?

Também ficariam fora da história familiar, Rysia, Regina, Martin, Jurek e... E tantos outros. Ignoro se essa questão tem algum interesse para o funcionário de Yad Vashem que forma parte da equipe de trabalho que tem por objetivo recriar a vida anterior ao Holocausto de todos os que perecerem: lembrá-los não só como vítimas, mas como sujeitos, como indivíduos que tinham vidas e tinham planos apesar dos planos que Hitler tinha para eles. Seja qual for a resposta, agora já é tarde para perguntar.

**e) As fotos devem, tanto quanto for possível, ser ordenadas cronologicamente, isto é, começar pelos parentes mais velhos e começar pelas fotos mais antigas de cada um. Tentar colocar lugar e data de nascimento e destino final durante a guerra. Fazer o possível para compilar a maior quantidade de dados sobre essas pessoas: profissão, estado civil, número de irmãos, filhos e netos, ofício, logradouro**



Figura 4 – Marta Hirsz Zakrzewski (Varsóvia, 1938 – Treblinka, 9 de maio de 1946),<sup>2</sup> mãe do meu avô, e Moisés Arie

---

<sup>2</sup> Marta Hirsz Zakrzewski teve cinco filhos; quatro deles foram assassinados em Treblinka.



Zakrzewski (Varsóvia, 1938 – Treblinka, 9 de maio de 1946),<sup>3</sup>  
pai do meu avô.



Figura 5 – Frymet Judski, mãe da minha avó, do lado de seu filho, Benio, e de seu marido, Mordechai Judski (Włocławek 1939 - Treblinka 9 de maio de 1946).<sup>4</sup>



Figura 6 - “Mamãezinha com as filhas”, 1925. De esquerda para a direita: Rachela Judski (Treblinka, 9 de maio de 1946), Bronia Judski (Varsóvia, 2 de junho de 1913 – 27 de Abril de 1979), Frimet Judski, minha bisavó (Treblinka, 9 de maio de 1946), e minha avó, Chaja Liba Judski (Varsóvia, 18 de novembro de 1910 – São Paulo 24 de novembro de 1995).

---

<sup>3</sup> Moisés Arie Zakrzewski teve cinco filhos; quatro deles foram assassinados em Treblinka.

<sup>4</sup> Os Judski tiveram cinco filhos; dois deles foram assassinados em Treblinka.



Sinto como se tivesse bebido demais, que estou começando a ficar tonta, que mapas e nomes, e rostos e paisagens e rabiscos se entremeiam produzindo uma reação similar à náusea, embora só por escrever náusea neste contexto me sinta pior ainda. Mas, às vezes, é necessário escrever palavras que não são nem as melhores nem as mais acertadas para “esse contexto”, nesse caso específico, para o contexto das lembranças que guardo das lembranças da minha avó sobre as pessoas a quem ela mais amou.

Continuo sentindo náuseas e continuar sentindo náuseas me produz uma culpa inominável. E a boca seca piora meu mal-estar. Mas há muito que aprendi que é possível ficar bêbado sem tomar álcool, sem ingerir drogas, sem utilizar alucinógenos, sem... sem absolutamente nada.

Quando por fim me afastei por uns minutos do escritório, ligou Sara, minha melhor amiga, e me disse que virá me ajudar nos próximos dias, antes da minha viagem a Israel, que não havia razão para que me preocupasse e angustiasse tanto. Como é crítica e estudou um pouco de história e de literatura – ela diz que também fotografia – escolherá ela mesma as fotos mais importantes, as organizará como pedem as autoridades de Yad Vashem e ainda acrescentará um breve ensaio sobre minha família e a guerra e a memória da guerra e as fotos e as cartas.

Minha amiga me perguntou se achava bom o título do ensaio: “Deslocamentos familiares. Registros imagéticos e auto-ficcionais. Memória e pós-memória. As famílias Judski e Zakrzewski: 1939-1943”. Assim que leu em voz alta o título daquele que seria um ensaio sobre a minha família, Sara entendeu que a primeira data não fazia sentido uma vez que também enviaríamos fotos de meus bisavôs e de outros parentes anteriores à guerra. Na verdade, a segunda data tampouco fazia sentido porque nos tribunais da Polônia, nos quais se apresentou meu primo há uma década aproximadamente, lhe explicaram que a todos os judeus assassinados em campos de extermínio poloneses, por questões burocráticas lhes foi outorgada a mesma data de falecimento: 9 de maio de 1946. Eu, humildemente, ouvia ao mesmo tempo em que pensava que um título melhor seria: “Para que ninguém ouse pensar que não se amaram e foram amados: cartas e álbuns familiares das famílias Judski e Zakrzewski na Polônia (1935-1943)”. Felizmente, escrevo “felizmente” e suspiro de tal modo que um alívio vindo de quem sabe onde me apazigua, a única dúvida da minha amiga quanto ao título do que ela decidiu chamar um ensaio sobre a minha família era a primeira data, o resto estava resolvido. Lembro que de noite pensei que de modos diferentes, muito diferentes, os dois títulos eram ousados, demasiadamente ousados. Lembro que pensei isso e logo adormeci profundamente. Longe da Polônia. No





dormitório do meu apartamento. Longe da Polônia, mas envolta em pensamentos contaminantes. Nocivos. Tóxicos.

Quando eu era criança, ser judia, para mim, era uma obviedade. Era tão simples que até a adolescência ser judia nunca representou um problema ou gerou questionamentos. Eu sabia que era judia porque minha família era judia e porque à tarde ia a uma escola judaica. Na escola judaica aprendíamos hebraico e em casa se falava polonês. Então, para mim, ser judia era ter uma família pequena, muito pequena, que falava polonês e que tinha amigos poloneses que obviamente também falavam em polonês, e ir a uma escola judaica e aprender hebraico. Talvez ser ruiva fazia parte do pacote. Talvez que a família sempre esperasse e recebesse cartas com selos de diversos países também fazia parte do pacote. Talvez a comida que preparava a minha avó e que meus coleguinhas não gostavam era parte de ser judia. A verdade é que esse pacote não era pesado, era um traço inseparável de mim mesma e, se às vezes me separava do meu judaísmo, era porque sendo filha única, quando ficava doente e não podia ir à escola, costumava jogar à batalha naval me colocando do lado de cada um dos grupos que estavam em luta: de um lado os judeus, do outro, os não judeus. Mas não me lembro de ter ficado mais contente quando ganhavam os judeus.

A obviedade em relação a meu judaísmo se parecia aos sentimentos que tinha minha avó sobre ser polonesa. Para ela ser polonesa era falar polonês, polonês como os poloneses e não como os judeus que em sua maioria o falavam com erros ou com um insuportável rastro, uma melodia desagradável que ela alegava provinha do ídiche, além de erros de gramática e de pronúncia. Minha avó se orgulhava de ter sido a melhor aluna em polonês da sua classe quando a família morava em Włocławek e ela e as irmãs frequentavam uma escola católica para meninas. Essa lembrança sempre lhe abria um sorriso, um sorriso de deleite misturado com uma nostalgia sem fim. Cinco anos fui a melhor aluna em polonês da minha classe, já lhe contei isso? Que não a tivessem deixado receber a medalha de melhor aluna em língua polonesa porque era judia foi uma informação que só minha tia avó me contou e que ficou como um segredo entre nós duas.



Figura 7 – Escola Aspis. Na segunda fila, à esquerda, baixinha e tímida, a minha avó (Włodawek, 1928)

Mais tarde, muitos anos mais tarde, entendi que minha avó, à diferença do meu avô e dos meus tios avôs, não conseguia separar-se da sua parte polonesa apesar de tudo o que sabia tinham feito a Polônia e os poloneses com a sua família. Contra sua família. Com ela e contra ela. Não era um ato volitivo o da minha avó, não era uma decisão, era simplesmente a sua forma de ser neste mundo. Falava em polonês com aqueles a quem mais amava e lembrava, e talvez inventava lembranças dos vinte e poucos anos de felicidade vividos na Polônia. A felicidade da família e da língua, a felicidade das bétulas e do Vístula. A felicidade de ler Tuwim e recitar alguns de seus poemas. Para a minha avó, a Polônia estava emaranhada num passado de glória e sorrisos que Hitler não conseguiu apagar nem cinquenta décadas depois de terminada a Segunda Grande Guerra. Era assim. Tão simples assim. Então.

Passaram ainda mais anos ou, para ser mais precisa, algumas décadas, até que li o manifesto escrito por Julian Tuwim<sup>5</sup> para a inauguração do monumento aos caídos no Gueto de Varsóvia. Não conheço palavras para descrever o manifesto, só posso dizer que cada vez que o leio me arpejo da cabeça aos pés. Também acontece que quando releio o manifesto, sinto a presença da minha avó como alguém que o está lendo comigo, meneando a cabeça de cima para baixo em alguns trechos e vertendo lágrimas e chorando convulsivamente em outros. Me parece ouvir a minha avó dizendo baixinho: “viu?, entendeu?, entende?” no trecho em que Tuwim afirma:

---

<sup>5</sup> TUWIM, 1993 (tradução nossa).



Eu sou polonês porque foi na Polônia que nasci e cresci, que cresci e aprendi; porque foi na Polônia que eu era feliz e infeliz; porque do exílio é para a Polônia que eu quero voltar, mesmo tendo sido me prometidas as alegrias do paraíso em outro lugar.

Um polonês – porque, devido a algum preconceito que não posso justificar por qualquer lógica ou razão, desejo que depois da morte seja absorvido e dissolvido em terra polonesa e em nenhuma outra.

Um polonês – porque foi em polonês que confessei os tremores do meu primeiro amor, e em polonês que eu balbuciei a sua felicidade e tempestade.

Um polonês – também porque a bétula e o salgueiro estão mais próximos do meu coração do que as palmeiras e as árvores cítricas, e Mickiewicz e Chopin, mais caros que Shakespeare e Beethoven. Amados por razões que, mais uma vez, não conseguiria explicar.

[...]

Acima de tudo, um polonês – porque assim o desejo.<sup>6</sup>

Penso que minha avó se emocionaria especialmente com as bétulas e com Chopin, apesar de ser esta uma mera hipótese pelo muito que a minha avó me falou das bétulas e me mostrou fotos das bétulas, e do muito que se emocionava quanto tocava ou ouvia Chopin. Ao mesmo tempo, sinto o terror no olhar da minha querida avó ao ler:

Nós judeus poloneses... Nós, eternos, que pereceram nos guetos e acampamentos, e nós, fantasmas que, através dos mares e oceanos, um dia retornaremos à terra natal e assombraremos as ruínas em nossos corpos não-queimados e nossas miseráveis almas presumivelmente poupadas.

Nós, a verdade das sepulturas e nós, a ilusão de viver; nós, milhões de cadáveres e nós, alguns poucos, talvez um total de milhares de quase não-cadáveres; nós, aquela tumba fraternal sem limites; nós, um cemitério judaico como nunca foi visto antes e nunca mais será visto.

---

<sup>6</sup> TUWIM, 1943, p. 41-42 (grifo nosso).



Nós, sufocados em câmaras de gás e transformados em sabão – um sabão que não vai limpar as manchas do nosso sangue, nem o estigma do pecado que o mundo nos perpetrrou.

Nós, cujos cérebros respingavam nas paredes de nossas miseráveis habitações e nos muros sob os quais representávamos a execução em massa apenas porque éramos judeus.

Nós, o Gólgota, sobre o qual uma floresta interminável de cruces poderia ser levantada. Nós, que dois mil anos atrás demos à humanidade um Filho do Homem massacrado pelo Império Romano, e essa morte inocente foi suficiente para torná-lo Deus. Que religião surgirá de milhões de mortes, torturas, degradações e braços esticados na última agonia do desespero?<sup>7</sup>

Mas nada do que escreveu Tuwim em 1944 pode se entrever nas fotos que estão aqui comigo, nas fotos da minha avó e das minhas tias avós e dos avós da minha mãe: meus bisavôs. Nas fotos dos amigos, das férias, da linda casa em Włocławek. Nas fotos dos bosques de bétulas.

Tantas vezes me perguntei como a minha avó, em 1935 num álbum de fotos que ela mesma fez, escreveu “a vida é bela”.

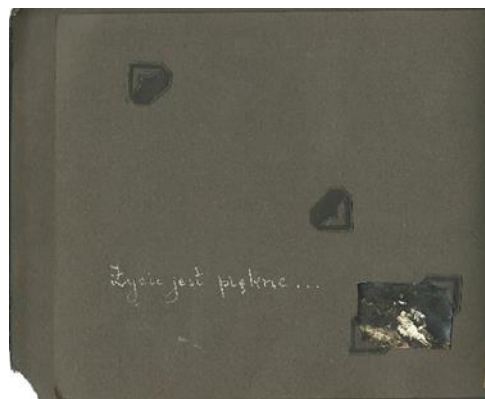


Figura 8 – Álbum de fotos da minha avó de 1935, no qual ela escreveu: “a vida é bela”.

---

<sup>7</sup> TUWIM, 1993, p. 43.



Figura 9 – Minha avó e minha tia Bronia (1935).

Um álbum no qual cem anos depois é possível perceber a dedicação e o carinho com o qual ele foi feito: a cuidadosa caligrafia em tinta branca, o humor das composições, a inclusão de todas as pessoas a quem tanto amou a minha avó. É um dos álbuns familiares mais interessantes com os quais me deparei, apesar de que não foram muitos os álbuns familiares com os quais tenha me deparado. Talvez fotos na internet da vida dos judeus na Europa antes da guerra. Talvez.



tão.

Figura 10 – Meus avós: Samuel Zakrzewski e Chaja Liba Judski em Varsóvia (1939).







Figura 11 – Minha avó entre Varsóvia e  
Włocławek (1935-1938).

Tantas fotos que mostram que a vida era linda na Polônia da minha avó.

Hoje, quando estão todos mortos, me pergunto como olhava a minha avó esses álbuns depois de ter sabido da catástrofe. Depois de Treblinka. Como foi nos primeiros anos depois de conhecer a verdade e ter tomado consciência da verdade? É um mistério. Um mistério definitivo como é definitiva a morte.

## **2 Deslocamentos familiares. Registros imagéticos e auto-ficcionais. As famílias Judski e Zakrzewski entre o velho e o novo mundo: 1939-1943**

Nos anos em que eu era adolescente, minha avó costumava se sentar do meu lado para me mostrar as fotos da família. Minha avó olhava para os álbuns e para as fotos avulsas da vida na Polônia com alegria. Mas quase sempre a essa alegria se juntava uma tremenda dor. A dor, não da morte definitiva: a dor das marcas de Hitler em sua família e nela própria, talvez, de alguma maneira ou de outra, em todos nós.

Minha avó, na verdade, era a *baba*.<sup>8</sup> Não a *bobe*,<sup>9</sup> mas a *baba*. E a *baba* era a pior das mães judias: a mais temerosa, sempre temerosa e por ser tão temerosa era protetora até afogar-nos. A *baba* pouco sabia de religião judaica, muito pouco, mas salgava a carne que comprava no açougue do bairro onde quer que morássemos e sempre ia à sinagoga para ouvir o *Kol Nidre*.<sup>10</sup> E era tão generosa e tão sonhadora que muitas vezes lhe perguntaram se realmente era judia. E a *baba* respondia sempre surpresa que sim, que claro, que era judia. Claro que era judia!

Eugenia Prokop-Janiec<sup>11</sup> esmiúça a emaranhada identidade coletiva dos escritores judeus poloneses modernos de modo sagaz, e Tuwim, obviamente, tem seu lugar no artigo. Para ela, o manifesto de Tuwim pode ser analisado a partir da abordagem de Lucy Dawidowicz, segundo a qual depois da emancipação dos judeus na Europa foi criado um modelo moderno de identidade judaica. Por um lado, ser judeu deixou de ser uma questão só de origem para ser uma questão de

---

<sup>8</sup> Em polonês, uma forma carinhosa, ou infantil, para se referir a “avó”.

<sup>9</sup> Do ídiche: avó.

<sup>10</sup> Prece judaica recitada no serviço que dá começo ao Dia da Expição, a data mais sagrada do calendário judaico.

<sup>11</sup> PROKOP-JANIEC, 2013.



destino.<sup>12</sup> Por outro, essa identidade coletiva deixou de ser imposta e se transformou na escolha e no desejo de ser judeu, numa consciência dessa condição e na afirmação dela. Entretanto, como qualquer identidade coletiva, a identidade judaica moderna teve de se confrontar com definições exógenas que, no contexto polonês de entreguerras e nos anos imediatamente posteriores ao Holocausto, foram definições negativas e estigmatizantes: o judeu era visto como um estranho. Um estranho indigesto para a construção da pátria polonesa. Houve quem chamara os judeus poloneses de hermafroditas nacionais por ser metade poloneses, metade judeus. Ulrich Beck, em sua aguda análise sobre o conceito “estranho” afirma:

Em resumo, a peculiaridade do conceito "estranho" surge porque é um conceito sem um contra-conceito. Estranhos são, portanto, determinados não apenas porque são delimitados por outros; eles estão determinados muito mais pelo fato de que eles minam e explodem dentro de todas as categorias polares da ordem social. Estranhos não são inimigos nem amigos; nem nativos nem estrangeiros; eles estão perto e não perto, longe, mas aqui; eles são vizinhos isolados pelos vizinhos, como não vizinhos, como estranhos. A rareza de estranhos é esmagadora e tentadora.<sup>13</sup>

As ambiguidades e os conflitos dos escritores poloneses para autodefinir-se são explícitos e neles transparece a dor por ter de, *a priori*, se definir, não a si mesmos para si mesmos, mas a si mesmos para um outro que assim o exigia. Um outro que exigia definições claras e distintas num mundo no qual identidades claras e distintas foram sempre a exceção e não a regra. O receio dos poloneses em particular e dos europeus em geral em relação a seus vizinhos judeus pode exprimir-se no fato de os considerarem estrangeiros eternos<sup>14</sup>.

O período de independência da Polônia no entreguerras foi um período em que um significativo número de judeus residentes em centros urbanos e educados nos melhores colégios e universidades assumiram um papel predominante na

---

<sup>12</sup> Existem vários autores que apontam as mesmas características da identidade judaica ao longo da História e para outras identidades nacionais ou étnicas. No que diz respeito ao judaísmo, o “destino” de cada judeu e o destino dos judeus como povo já se encontra definido na Bíblia hebraica, na ideia do retorno messiânico à terra de Israel.

<sup>13</sup> DAWIDOWICZ, 2007, p. 55 (tradução nossa).

<sup>14</sup> Cf. BARON, 1983; BECK, 2007; ARENDT, 2016.



cultura polonesa. Esse fenômeno, como bem assinala Bauman: “O crescimento de sua importância [dos judeus] na vida cultural polonesa veio de mãos dadas com o aumento da intensidade e disseminação do anti-semitismo polonês. Daí o ‘fenômeno único: os escritores mais queridos tornaram-se, como pessoas, os mais odiados’”.<sup>15</sup>

O fato de existir um consenso em relação a Tuwim ter sido um dos poetas poloneses mais importantes do século XX revela as raízes profundas da problemática exposta e, não mais importante que isso, a tragédia que acometeu os escritores judeus poloneses. Em relação às raízes polonesas e judaicas de Tuwim, Miłosz é contundente ao afirmar:

Na primeira década da Segunda República, poderia parecer que havia na Polônia lugar para judeus polonizados e para poloneses de origem judaica. Na segunda década, as vozes da maioria da imprensa e as da massa de poloneses negaram-lhes este lugar. E esse era o dilema enfrentado por todos aqueles judeus que se sentiam poloneses. Foi particularmente sentido por Tuwim, que idolatrava o idioma polonês e o tornava o centro e objetivo de sua vida e agora era rejeitado por aqueles a quem ele desejava servir. Sua sensibilidade, a de um homem sem pele, expunha-o a uma dor aguda toda vez que ele abria um jornal matutino.<sup>16</sup>

Penso nos meus bisavôs assimilados à cultura e sociedade polonesas. Penso em meus avôs. Penso em minha mãe que, apesar de ter fugido da Polônia em junho julho de 1939, com dois meses de idade, falava e escrevia polonês perfeitamente. Penso na tarefa rara de organizar as cartas e as fotos que estão no meu escritório e não posso deixar que o espanto arremeta comigo. Lembro do manifesto de Tuwim e compreendo que sua angústia foi o denominador comum entre grande parte dos escritores judeus poloneses que viveram na Polónia nos séculos XIX e XX.<sup>17</sup> E se nem todos eles explicaram a sua condição como Tuwim, rastros daquilo que lemos no manifesto, a luta para resolver uma ambiguidade impossível de ser

---

<sup>15</sup> BAUMAN, 1996, p. 588 (tradução nossa).

<sup>16</sup> MIŁOSZ citado por POLONSKI (tradução nossa).

<sup>17</sup> Como escrevi alhures: “Sandauer acrescenta que um fenômeno único se difundiu na Polónia da década de 1930: os escritores mais amados foram transformados nos seres humanos mais odiados” (TOPEL, 2011, p. 44).



resolvida, aparecem nas definições de Kazimierz Brandys<sup>18</sup> e de Aleksander Rozenfeld.

Assim, Rozenfeld, escritor polonês que viveu entre Israel e a Polônia afirmou: “Entre judeus, não sou judeu; entre não-judeus, sou judeu. Pareceria que eu tivesse alucinado a mim mesmo”.<sup>19</sup> Segundo Prokop-Janiec,<sup>20</sup> ao longo de sua vida, Rozenfeld se identificou como judeu, como polonês, como polonês de origem judaica e, finalmente, como judeu e como polonês.

Brandys explicita, por sua vez, que “ficar quieto no que concerne às próprias origens judaicas depois do extermínio dos judeus da Europa é muito diferente que ocultá-las antes desse evento. Ao esconder as próprias origens como um segredo depois do Holocausto, indiretamente, afirmamos que os canibais estavam certos”.<sup>21</sup>

Embora extrapole os objetivos deste texto indagar na mudança de identidade dos escritores judeus poloneses depois do Holocausto, e de Tuwim especialmente, o que se observa é uma identificação maior com os judeus e com o judaísmo. O horror do Holocausto não pareceu deixar dúvidas em relação à identidade nacional desses homens que tanto lutaram por se integrar à cultura e sociedade polonesas. Bauman indaga nos diferentes processos criados pelos judeus poloneses para atingir a tão almejada assimilação, revelando uma longa jornada pletórica em conflitos e incertezas que até incluíram a incorporação de certos estigmas que os antisemitas tinham em relação aos judeus.

Diversas pesquisas indicam o final do século XIX como o início do hábito de tirar fotografias no âmbito da família. A partir desse momento, a representação do universo familiar tem sido feita basicamente por meio da imagem fotográfica. Em seu clássico “O camponês e a fotografia”, texto medular para uma compreensão sociológica das funções da fotografia em classes e grupos diferentes, Marie-Claire Bourdieu e Pierre Bourdieu<sup>22</sup> apontam para o papel central do grupo familiar no

---

<sup>18</sup> Escritor e crítico literário polonês nascido em Lodz (1916-2000).

<sup>19</sup> Algumas décadas antes, em sua autobiografia, Sandauer afirma: “Nunca me senti como um polonês judeu ou um judeu polonês. Não consigo tolerar mestiços. Eu sempre me senti um judeu judio e um polonês polaco. Isso é ao mesmo tempo difícil de explicar e verdadeiro. Eu sempre me orgulhei – tanto quanto uma pessoa pode se orgulhar de simplesmente pertencer a um grupo ou a outro – de ser polonês, de ser judeu. E ainda acredito que sou polonês e que sou judeu” (SANDAUER citado por PROKOP-JANIEC, 2013, p. 100).

<sup>20</sup> SANDAUER citado por PROKOP-JANIEC, 2013, p. 107.

<sup>21</sup> BRANDYS citado por PROKOP-JANIEC, 2013, p. 106.

<sup>22</sup> BORDIEU, 2006, p. 32.



processo de incorporação popular da fotografia, escolhida como o veículo por excelência para santificar e consagrar determinados ritos familiares, entre os quais se destacam os rituais de passagem. Inspirado em Durkheim e na teoria da celebração do grupo por meio de rituais coletivos, os autores destacam o poder da fotografia de eternizar os momentos intensos da vida social possibilitando, entre outros, estreitar a unidade do grupo.

Ana Caetano acrescenta que o surgimento da fotografia criou novas e intrincadas formas de relacionamento entre os indivíduos com a realidade e consigo mesmos, permitindo transformar o mundo material em representação. Segundo a pesquisadora, “este é, aliás, o ponto central de contacto entre fotografia e identidade”.<sup>23</sup> Poder-se-ia acrescentar que a imagem fotográfica e o álbum de fotos constituem parte de nossas biografias.

O enraizamento da fotografia na sociedade ocidental é de tal envergadura que ela se transformou num instrumento fundamental (e fundacional) na construção de memórias coletivas. Simultaneamente, a fotografia constitui uma ferramenta indiscutível na presentificação do passado; por essa razão, talvez não seja um exagero compreendê-la como um disparador de recordações. Imigrantes, refugiados, estrangeiros, soldados mobilizados e soldados no *front*, e tantas outras categorias de pessoas deslocadas foram representadas em filmes – seja de ficção, sejam documentários – guardando com zelo a fotografia de familiares, namoradas e amantes. As fotos dos seres queridos conectavam o presente trágico dessas pessoas com o passado, levando-os a um outro tempo, a um outro mundo. Nesses casos específicos, o passado ergue-se, não só como referente temporal e identitário, mas como fonte de proteção, quase como um amuleto. Existe um consenso entre os estudiosos de que, se bem a fotografia familiar teve como objetivo deixar um registro de cerimônias e rituais seminais da família como um todo e de cada membro familiar em separado, são quase inexistentes os registros fotográficos de rituais tristes ou de situações conflitivas como velórios, enterros, brigas ou confrontos<sup>24</sup>. Férias, viagens, passeios, competições, reencontros, diversões longe das atividades cotidianas: esses constituíram o alvo por excelência da lente fotográfica.

---

<sup>23</sup> CAETANO, 2008, p. 3.

<sup>24</sup> Esse pressuposto talvez tenha mudado no momento em que o telefone celular se transformou na máquina de fotos mais usada, uma máquina de fotos portátil que a grande maioria das pessoas carrega consigo para ser usada a qualquer momento e em qualquer espaço. Esta observação, no entanto, não tem uma base teórica, é simplesmente produto do sentido comum.





Conseqüentemente, a fotografia deve ser considerada uma prática social e histórica com características singulares.<sup>25</sup> Essas singularidades são explicadas por Ludmila da Silva Catela quando estabelece uma relação intrínseca entre o ato de fotografar e o ato de recordação ou de construção de uma memória particular. Desse modo:

Embora, em sentido estritamente técnico, a fotografia fixe no papel ou na memória digital um conteúdo referente a uma temporalidade passada, o mesmo não ocorre com sua interpretação. Como em outras formas de imagem gráfica, os espectadores lhes atribuem um significado novo através de sua própria experiência cultural. É assim que indivíduo, fotografia e memória adquirem um sentido pleno e uma densa inter-relação. A imagem serve como suporte para a recordação, quando esse momento foi vivido por quem observa a fotografia, e como veículo de memória, quando se reconstrói a partir do presente de identidades comunitárias ou étnicas, em que participam tanto aqueles que viveram essa experiência como os que não a viveram. A fotografia pode atuar, assim, como uma “testemunha”.<sup>26</sup>

Não é o caso de desenvolver aqui uma análise das funções da fotografia nos seus primórdios ou nos dias de hoje, nem sequer identificar paralelos entre seus múltiplos usos e desdobramentos na contemporaneidade. O que poderia ser chamado, por falta de um termo mais apropriado, de uma brevíssima introdução a como a fotografia é utilizada no núcleo familiar teve como objetivo criar uma base para compreender os dilemas de quem deve, por diferentes circunstâncias, (re)compôr um álbum familiar tendo como base álbuns já criados no passado, mais especificamente, por um membro da família duas gerações mais jovem que morreu. Como se relacionam, neste caso, biografia e fotografia? Como se entrelaçam as duas biografias e as lembranças disparadas pelas fotos? Há um detentor único das lembranças de fotos “antigas”? Que tropos melhor mediam a psicologia da memória? E como a fotografia, em particular, passou a

---

<sup>25</sup> Cada vez mais, a fotografia é utilizada por historiadores, não como mero instrumento de ilustração, mas como documento que é necessário contextualizar, interpretar e identificar em relação à sua audiência. Por ser intrinsecamente técnica possui um estatuto comprobatório, sem que por isto se conclua que, pelas mesmas razões, a fotografia seja considerada “objetiva”, pois a sua é uma objetividade fictícia.

<sup>26</sup> CATELA, 2012, p. 113.



desempenhar um papel tão importante no processo de mediação entre as diferentes gerações?<sup>27</sup>

Diversas obras sobre o Holocausto (documentários, romances, testemunhos e histórias em quadrinhos) publicadas nas últimas duas décadas têm um denominador comum: seus autores não foram vítimas diretas do Holocausto, não presenciaram os horrores acontecidos nos guetos e nos campos de concentração e de extermínio. O que assemelha essas narrativas é serem produto de filhos de sobreviventes, hoje conhecidos como a “segunda geração”. A publicação dessas obras produziu debates acalorados na Academia sobre a possibilidade de existir uma memória transmitida entre gerações, principalmente quando na atualidade alguns autores, a exemplo de Claire Gorrara,<sup>28</sup> discutem a possibilidade de existir uma nova categoria: “a terceira geração”. Essa questão é de extrema relevância na contemporaneidade, na medida em que são poucos os sobreviventes do Holocausto ainda vivos. Simultaneamente, a sua idade avançada abre o horizonte para um mundo sem sobreviventes, isto é, um mundo sem testemunhas diretas do horror. Um mundo sem memória da Shoah? Por essas razões, dilemas de cunho ético e metodológico se entrecruzam quando o objetivo é indagar nos mecanismos para transmitir a memória da Shoah no século XXI.

Foi a partir da década de 1970 que estudiosos de diferentes disciplinas começaram a questionar as estratégias de transmissão de memórias do Holocausto de uma geração para as posteriores. Aqueles com uma ligação familiar direta com o Holocausto têm sido frequentemente vistos como custódios da sua memória e, por isso, imbuídos de uma responsabilidade moral de preservar histórias familiares para a posteridade.<sup>29</sup> *Maus* costuma ser o exemplo clássico para a discussão das possibilidades de existir uma memória não presencial, distanciada do evento; como diria Hirsch, uma pós-memória.<sup>30</sup>

Dedicada à análise de obras criadas por autores pertencentes à segunda geração a partir de um olhar autobiográfico, e criadora do conceito pós-memória, Hirsch<sup>31</sup> observou algumas características que permitem expandir o conceito de memória, não só longitudinalmente, mas, também, transversalmente. Assim, a pós-memória se relaciona de modo singular com o passado, não através da recordação, mas por meio do investimento imaginativo, pela projeção e pela criação. Sendo assim:

---

<sup>27</sup> HIRSCH, 2008 (tradução nossa).

<sup>28</sup> GORRARA, 2018.

<sup>29</sup> GORRARA, 2018, p. 113.

<sup>30</sup> SPIEGELMAN, 1997, p. 22.

<sup>31</sup> HIRSCH, 2008.



Crescer com memórias hereditárias tão esmagadoras, ser dominado por narrativas que precederam o nascimento ou a consciência de alguém, é arriscar ter suas próprias histórias e experiências deslocadas, até mesmo esvaziadas, pelas de uma geração anterior. É ser moldado, apesar de indiretamente, por eventos traumáticos que ainda desafiam a reconstrução da narrativa e excedem a compreensão. Esses eventos aconteceram no passado, mas seus efeitos continuam no presente. Esta é, creio eu, a experiência da pós-memória e o processo de sua geração.<sup>32</sup>

Segundo Hirsch, uma abordagem fenomenológica da fotografia é crucial para criar uma pós-memória, por ser a fotografia o fio condutor mais concreto entre a geração da Shoah e as posteriores.<sup>33</sup> Hirsch menciona a importância das imagens de “antes” da hecatombe porque elas sinalizam a perda do sentimento de estarmos seguros no mundo.

O conceito pós-memória instituiu um debate na Academia em torno da possibilidade de existir uma memória construída ao redor de eventos não presenciados, principalmente, quando o objeto da recordação é um evento traumático. Entre aqueles que se aprofundaram na discussão com o objetivo de contestar a possibilidade da pós-memória se destaca Gary Weissman, para quem não existe o conceito “consciência geracional” do Holocausto. Além do mais, ele afirma enfaticamente que esse conceito tem como base uma série de premissas errôneas, entre elas, a ideia de que a proximidade familiar com o Holocausto cria um caráter especial que fala de maneira qualitativamente diferente à de outras representações; que gerações podem ser consideradas entidades amplamente homogêneas que pensam de maneira parecida; e que existem padrões comuns de transferência de memória dentro das famílias que podem ser generalizados para agir como uma estrutura social.<sup>34</sup>

Por sua vez, a partir de uma perspectiva semiótica, Ernst van Alphen questiona o termo memória para se referir aos filhos dos sobreviventes:

Há continuidade entre o evento e sua memória. E essa continuidade tem uma direção inequívoca: o evento é o começo, a memória é o resultado... No caso dos filhos dos sobreviventes, a relação indexical que define a memória nunca existiu. Sua relação com os eventos passados é

---

<sup>32</sup> HIRSCH, 2008, p. 107.

<sup>33</sup> HIRSCH, 2008.

<sup>34</sup> WEISSMAN, 2004, p. 165.



baseada em princípios semióticos fundamentalmente diferentes.<sup>35</sup>

Mas, se existem autores que questionam a possibilidade da pós-memória, há outros que se aproximam da abordagem de Hirsch. Assim, Aleida Assmann cunhou o termo memória comunicativa, definida como a “história no quadro da memória autobiográfica”.<sup>36</sup> Esse conceito tem suas raízes na memória pessoal e familiar, não se apoia em instituições nem depende de especialistas para sua transmissão ou preservação. Sua transmissão é, em grande parte, dependente de indivíduos que falam sobre seu passado. Como consequência, tem uma vida útil limitada, geralmente não superior a oitenta anos, ou seja, a duração de três gerações de interação.

Por último, é importante destacar que para Hirsch<sup>37</sup> a pós-memória não é idêntica à memória: o prefixo “pós” não é um mero recurso estilístico e indica várias das características do mesmo prefixo quando usado antes de conceitos como modernidade, colonialismo, feminismo e capitalismo.

Talvez seja mais prudente enviar somente algumas fotos ao Yad Vashem e ficar com o restante. É óbvio – ou me parece óbvio – que eles não vão fazer uso de todas as fotos. Tantas fotos! Talvez as cartas sejam mais importantes e seja prudente mandá-las todas.

A verdade, contudo, é que não me ocorre o que possa ser mais ou menos prudente, mais ou menos correto, mais ou menos útil. E para quem? Depois de semanas de colocar em ordem os documentos, tantos documentos!, só sei que aqui, comigo, está se rompendo uma corrente. A corrente de quatro gerações ligadas pelas lembranças de uma grande contadora de histórias, minha avó, e pelo tempo máximo que a memória familiar, segundo dizem, pode abranger. É bom? É ruim?

De agora em diante, só olhares desconhecidos, olhares estranhos olharão essas fotos. Forasteiros olharão as fotos de meus bisavôs, dos meus avôs e de meus tios avôs. Talvez alguém se demore algumas décimas de segundo no rosto de um deles, curioso pela expressão, pelo parecido com algum amigo ou parente, pela posse. Talvez em anos e anos ninguém encontre em todos esses rostos e em todos esses corpos nada especial em coleções de fotos com centenas de vítimas e daqueles que conseguiram fugir das garras de Hitler. Talvez os museologistas de Yad Vashem sequer achem que há, nas fotos que estão na minha mala, alguma

---

<sup>35</sup> ASSMANN, 2006, p. 485 (tradução nossa).

<sup>36</sup> ASSMANN, 2006.

<sup>37</sup> HIRSCH, 1997.



característica que mereça escolhê-las para alguma exposição. Para algum livro. Para algum documentário.

Ou tal vez aconteça o oposto. Então.

Aos poucos esquecerei os bisavôs e os tios avôs e as tias avós de Treblinka. E as gerações que partiram uma vez partirão uma segunda vez porque não haverá ninguém para lembrá-las. E os vivos continuaremos vivos pensando que a morte é sempre a morte dos outros. Mas os dilemas de que fazer com o passado vão persistir porque é quase impossível expurgar o passado. Sempre. Então.

Antes da viagem, vou deixar com um restaurador o quadro que Rimsa pintou de minha mãe em seu memorável vestido aos quinze anos.

## Referências

ALPHEN, Ernst van. Second-Generation Testimony, Transmission of Trauma, and Postmemory. *Poetics Today*. Durham, v. 27, n. 2, p. 473-488, 2006.

ARENDT, Hannah. O iluminismo e a questão judaica. In: \_\_\_\_\_. *Escritos judaicos*. São Paulo: Amarilys Editora, 2016.

ASSMANN, Aleida. Memory, individual and collective. In: GOODIN, Robert; TILLY, Charles (Ed.). *The Oxford handbook of contextual political analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 210-224.

BARON, Salo. Nuevos enfoques acerca de la emancipación judía. In: BANKIER, David (Ed.). *La emancipación judía: antología de artículos en perspectiva histórica*. Jerusalém: Publicaciones Monte Scopus, 1983. p. 238-266.

BAUMAN, Zygmunt. Assimilation into Exile: The Jew as a Polish Writer. *Poetics Today*. Durham, v. 17, n. 4, p. 569-597, 1996.

BECK, Ulrich. Cómo los vecinos se convierten en judíos: La construcción política del extraño en una era de modernidad reflexiva. *Papers*. Barcelona, v. 84, p. 47-66, 2007.

BOURDIEU, Marie-Claire; BOURDIEU, Pierre. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, n. 26, p. 31-39, 2006.

CAETANO, Ana. Práticas fotográficas e identidades: a fotografia privada nos processos de (re)construção das identidades. *VI Congresso Português de Sociologia*. Lisboa, p. 1-20, 2008. Disponível em: <<http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/569.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2019.





CATELA, Ludmila da Silva. Todos temos um retrato: indivíduo, fotografia e memória no contexto do desaparecimento de pessoas. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 111-123, 2012.

GORRARA, Claire. Not seeing Auschwitz: memory, generation and representations of the Holocaust in twenty-first century French comics. *Journal of Modern Jewish Studies*. Londres, v. 17, n. 1, p. 111-126, 2018.

HIRSCH, Marianne. *Family frames: photography, narrative, and postmemory*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. *Poetics Today*. Durham, v. 29, n. 1, p. 103-128, 2008.

POLONSKY, Antony. Julian Tuwim, the Polish Heine. *The American Association for Polish-Jewish Studies*. Disponível em: <<http://www.aapjstudies.org/index.php?id=115>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

PROKOP-JANIEC, Eugenia. Jew, Pole, artist: constructing identity after the Holocaust. *Teksty Drugie*. Varsóvia, v. 2, p. 99-112, 2013.

TOPEL, Marta Francisca. O patriotismo à espreita e a loucura da perseguição: algumas reflexões sobre “Nós, os judeus poloneses” de Julian Tuwim. *Revista Digital do NIEJ*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, p. 43-50, 2011.

TUWIM, Julian. *My, Żydzi Polscy... We, Polish Jews...* Varsóvia: Fundacja Shalom, 1993.

WEISSMAN, Gary. *Fantasies of witnessing: postwar efforts to experience the Holocaust*. New York: Cornell University Press, 2004.

-----

Recebido em: 27/03/2019.

Aprovado em: 27/04/2019.